

TIMOR LESTE NAS CAPAS DA REVISTA VISÃO, DE PORTUGAL

Regiane Apolinario ROSKOWINSKI

Neusa Maria Oliveira Barbosa BASTOS

Regina Helena Pires de BRITO

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: Ao pensar a relação entre os países falantes de Língua Portuguesa é possível dizer que muito além da língua, são considerados os laços construídos pelos fatos históricos e culturais. Assim, Portugal, como colonizador e saudoso de sua época de imperialismo, acabou se afastando de suas ex-colônias quando elas se tornaram independentes, porém, após algum tempo, acabou se reaproximando de alguns países lusófonos, visando cooperações relacionadas à formação profissional ou assistência humanitária ou mesmo outras ligadas ao nível militar e de segurança. Nesta linha, podemos destacar a relação de Portugal e Timor Leste, que foi retomada anos após a invasão indonésia ao Timor Leste, com a divulgação mundial das imagens do Massacre de Santa Cruz. Sendo assim, a proposta deste estudo é a análise de duas capas da revista Visão, que circularam em Portugal, após a atenção dispensada ao Timor Leste, por causa daquele trágico episódio. As capas escolhidas para análise destacam um assunto em comum: a situação política do Timor Leste. Em geral, as capas das revistas exercem a função de chamariz da publicação, utilizando recursos publicitários para sua elaboração, com o objetivo de chamar a atenção dos leitores e alavancar as vendas. A motivação deste estudo está relacionada à Lusofonia e, mais especificamente, à relação Timor Leste e Portugal.

Palavras-chave: Lusofonia. Timor Leste. Capas de Revista.

EAST TIMOR ON THE COVERS OF VISAO MAGAZINE

Abstract: When thinking about the relationship between Portuguese-speaking countries, it is possible to say that, beyond language, the ties built by historical and cultural facts are considered. Thus, Portugal, as colonizer and longing for its era of imperialism, ended up moving away from its former colonies when they became independent, but after some time, it ended up re-approaching some Portuguese-speaking countries, aiming at cooperation related to vocational training or assistance Humanitarian or even other related to the military and security level. In this line, we can highlight the relationship of Portugal and East Timor, which was resumed years after the Indonesian invasion of East Timor, with the worldwide dissemination of images of the Santa Cruz Massacre. Thus, the proposal of this study is the analysis of two covers of the magazine Visão, which circulated in Portugal, after the attention given to East Timor, because of that tragic episode. The covers chosen for analysis highlight a common issue: the political situation in East Timor. In general, the covers of magazines act as a decoy of the publication, using advertising resources for its elaboration, in order to attract

201

Revista CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, Volume 18, Número 1, 1º sem 2018.

Regiane Apolinario ROSKOWINSKI, Neusa Maria Oliveira Barbosa BASTOS e Regina Helena Pires de BRITO, TIMOR LESTE NAS CAPAS DA REVISTA VISÃO, DE PORTUGAL. p. 201-218.

Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/caminhoslinguistica> - - ISSN 2176-8625

readers' attention and boost sales. The motivation of this study is related to Lusophony and, more specifically, to the relation East Timor and Portugal.

Keywords: Lusophone; East Timor; Magazine Covers.

TIMOR ORIENTAL EN LAS CAPAS DE LA REVISTA VISÃO

Resumen: El pensamiento sobre la relación entre los hablantes países de habla portuguesa, es posible decir que más allá del lenguaje, se consideran los lazos construidos por los hechos históricos y culturales. Por lo tanto, Portugal, como colonizador y al final de su tiempo del imperialismo, simplemente alejarse de sus antiguas colonias cuando se hicieron independientes, sin embargo, después de algún tiempo, finalmente, volver a conectar algunos países de habla portuguesa, buscando la cooperación relacionada con la formación profesional o la asistencia humanitaria o incluso otras relacionadas con el nivel militar y de seguridad. En esta línea, podemos destacar la relación entre Portugal y Timor Oriental, que ocurrió años después de la invasión indonesia de Timor Oriental, con el lanzamiento mundial de las imágenes de la matanza de Santa Cruz. Por lo tanto, el propósito de este estudio es examinar dos portadas de revistas Visão, que circuló en Portugal después de la atención prestada a Timor Oriental, debido a que el trágico episodio. Las capas escogidas para análisis destacan un asunto en común: la situación política de Timor Oriental. En general, las capas de las revistas ejercen la función de llamar de la publicación, utilizando recursos publicitarios para su elaboración, con el objetivo de llamar la atención de los lectores y aprovechar las ventas. La motivación de este estudio se relaciona con el habla portuguesa y, más específicamente, la relación de Timor Oriental y Portugal.

Palabras clave: Lusofonía. Timor Oriental. Cubiertas de Revista.

INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre a relação entre os países falantes de Língua Portuguesa é possível dizer que muito além da língua, são considerados os laços construídos pelos fatos históricos e culturais. Assim, Portugal, como colonizador e saudoso de sua época de imperialismo, acabou se afastando de suas ex-colônias quando elas se tornaram independentes, porém, após algum tempo, acabou se reaproximando de alguns países lusófonos, visando cooperações relacionadas à formação profissional ou assistência humanitária ou mesmo outras ligadas ao nível militar e de segurança.

Nesta linha, podemos destacar a relação de Portugal e Timor Leste, que foi retomada anos após a invasão indonésia ao Timor Leste, com a divulgação mundial das imagens do Massacre de Santa Cruz. Sendo assim, a proposta deste estudo é a análise de duas capas da

revista Visão, que circularam em Portugal, após a atenção dispensada ao Timor Leste, por causa daquele trágico episódio.

A revista Visão é uma revista semanal portuguesa, publicada pela primeira vez em 25 de março de 1993. Atualmente, a revista é editada pela Edimpresa, uma das mais importantes editoras de revistas de Portugal. A revista Visão foi o projeto jornalístico que sucedeu ao extinto semanário “O Jornal”. Em 02 de dezembro de 2010 tornou-se a primeira publicação jornalística portuguesa a ser distribuída num tablet com formato totalmente revisto para este tipo de dispositivo. No dia em que foi lançada nesse formato, atingiu o 1º lugar nos aplicativos de notícias.

As capas escolhidas para análise destacam um assunto em comum: a situação política do Timor Leste. Em geral, as capas das revistas exercem a função de chamariz da publicação, utilizando recursos publicitários para sua elaboração, com o objetivo de chamar a atenção dos leitores e alavancar as vendas.

A motivação deste estudo está relacionada à Lusofonia e, mais especificamente, à relação Timor Leste e Portugal. Enquanto Portugal abria caminho para que o Timor fosse independente, em 1975, deixando o país com seu primeiro presidente, Xavier do Amaral, ocorreu a guerra civil e nesse mesmo ano a Indonésia invadiu o país, de forma violenta, impondo um regime repressivo e cruel, que perdurou até 1999, mas com o auxílio da ONU, conseguiu reconquistar a restauração da Independência em 2002.

A invasão indonésia foi recente, se levarmos em consideração outros acontecimentos históricos, porém não houve intervenção e ajuda de outros países ao Timor Leste até que, em 1991, um jornalista inglês chamado Max Stahl filmou a chacina do Cemitério de Santa Cruz, quando cerca de 270 pessoas foram assassinadas após uma missa, pelo exército indonésio. Mesmo após ser preso e interrogado, Stahl conseguiu recuperar a filmagem, que tinha escondido no próprio cemitério, e divulgá-la pelo mundo, o que gerou grande comoção, principalmente por parte de Portugal, além de despertar a atenção do mundo para a situação da população timorense. Os portugueses se comoveram com as cenas de terror divulgadas e, principalmente, com as pessoas que tentavam se proteger no cemitério, rezando em português.

A Língua Portuguesa foi proibida no Timor Leste a partir de 1975, pelos invasores indonésios, porém continuava a ser falada pelos timorenses da resistência e pelos moradores mais antigos, que tentavam mantê-la viva, assim como o Tétum, mas sem que os indonésios tomassem conhecimento, já que falar a Língua Portuguesa poderia, até mesmo, levar os timorenses à morte. Apesar de proibida pelos indonésios, a Língua Portuguesa foi vista como língua de salvação pelos timorenses. O próprio Max Stah aprendeu português no Timor Leste, junto aos timorenses da resistência.

Na época em que as capas de revistas analisadas foram produzidas, Timor Leste ainda estava sofrendo pela dominação dos invasores indonésios, mas a invasão indonésia viria ao fim em alguns anos. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar estas capas de revista levando em consideração que os dois países envolvidos são lusófonos e que, por trás das capas e das reportagens das revistas, sempre existe a intenção de passar o discurso ideológico da empresa editorial responsável pela revista, que nunca é imparcial. Além disso, toma-se muito cuidado ao elaborar as capas de revistas, utilizando elementos verbo visuais que irão atrair o público alvo.

Assim, esse trabalho justifica-se porque são poucas as capas de revistas renomadas, em países lusófonos, que dão destaque aos demais países falantes da Língua Portuguesa, que foram colônias de Portugal.

Os pressupostos teóricos utilizados estão relacionados à Lusofonia, com Brito (2004), à teoria bakhtiniana, à linguagem verbo visual de acordo com Puzzo (2012) e Costa (2013) e elementos ligados à publicidade, utilizando as teorias de Sant'Anna (2013). Os elementos jornalísticos não estão em foco, porque através das capas das revistas, a empresa responsável quer vender seu produto, ou seja, a própria revista, então faz uso da publicidade para causar impacto em seus leitores.

Assim, selecionamos duas capas da Revista Visão, uma veiculada em 1996 e a outra em 1999, com temáticas relacionadas à crise em Timor Leste, para a realização das análises, que procuram relatar como as capas foram construídas.

REFERENCIAL TEÓRICO

De forma geral, pode-se dizer que a Lusofonia é usada para designar o conjunto das comunidades de Língua Portuguesa no mundo, englobando os habitantes dos países de língua oficial portuguesa, ou seja, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Inclui-se também os falantes das cidades de Macau, Goa, Damão, Diu e os membros da diáspora. Porém, o conceito de Lusofonia é muito mais complexo que essa definição do senso comum, pois a Lusofonia é um espaço linguístico cultural que se afirma a nível político-institucional, através da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Segundo Brito (2004, p. 01):

(...) pacificamente aceite que a realidade lusófona é multicultural e que a comunidade lusófona mais não é do que um conjunto complexo de grupos humanos antro-po-sócio-culturalmente diferenciados que tem como elemento de articulação uma língua que nela exerce (...) função política, sócio-psicológica e sócio-cultural.

Nem todos os linguistas têm essa visão sobre a Lusofonia, principalmente os estudiosos dos países que foram colônias de Portugal. Muitos enxergam a Língua Portuguesa como um troféu de guerra, significativo de forma positiva apenas para Portugal, pois sufocou as tradições dos países colonizados, principalmente os africanos. Essa situação é diferente no caso de Timor Leste, que enquanto dominado pelos indonésios, sentia certo saudosismo de quando foi colônia portuguesa, já que sua relação com Portugal não foi escravagista, mas sim, mercantilista. Além disso, o Tétum, língua falada pela maioria dos timorenses, possui muitas palavras influenciadas pela Língua Portuguesa, o que favorece que a população tenha facilidade para falar as duas línguas.

Além de levar em consideração a Lusofonia nas escolhas das capas de revistas analisadas, é importante identificar alguns conceitos de Bakhtin e seu Círculo que se encaixam nesse gênero discursivo. Em *“Estética da Criação Verbal”*, Bakhtin afirma que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 289). O que, segundo ele, nos leva a escolher as palavras adequadas para o objetivo da comunicação, determinando a organização do enunciado.

De acordo com Brait (2010) em “*Enunciado/enunciado concreto/ enunciação*”, para Bakhtin, o enunciado concreto se dá em duas partes, sendo a parte realizada em palavras e a outra a parte presumida, o que faz necessário que a pessoa entenda o contexto pragmático, para que o enunciado concreto tenha sentido.

Na construção de um enunciado, como uma capa de revista, não existe somente a voz de uma pessoa. Trata-se de um grupo que trabalha com o objetivo de passar a informação, porém de forma a persuadir o leitor a comprar a revista e ler a reportagem. Além disso, a informação, ou seja, o enunciado, nunca é imparcial ou neutro, assim, a partir do momento em que o leitor faz a leitura da capa da revista, já está sendo seduzido e fazendo julgamento de valor sobre a informação divulgada, de acordo com a ideologia da editora que produziu a revista.

Dentro da teoria bakhtiniana pode-se destacar que o processo de elaboração da enunciação não é um ato individual. Toda enunciação tem uma natureza dialógica, mas, ao mesmo tempo, todo enunciado é único. Além disso, outro ponto indispensável para esse estudo se refere ao signo ideológico. Volochínov (2006) tratam signo como categoria intimamente ligada à ideologia, assim “tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia” (VOLOCHINOV, 2006, p. 32).

O signo ideológico não é mera representação da realidade, pois reflete essa realidade podendo distorcê-la, confirmá-la ou apreendê-la de acordo com um ponto de vista. Assim “o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela” (VOLOCHÍNOV, 2006, p. 37).

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter

refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante. (VOLOCHÍNOV, 2006, p. 47)

Dessa forma, o sujeito constrói o seu conteúdo interior a partir das suas vivências e do diálogo que ele mantém, independente se face a face ou não, com seus interlocutores, mas no momento em que ele materializa seu enunciado, já que todo signo é ideológico, o que foi verbalizado naquela situação é único e não volta, mesmo que o locutor se esforce para repeti-lo.

Dentro da forma linguística, as enunciações sempre se apresentam aos interlocutores no contexto de enunciações precisas, o que mostra um contexto ideológico também preciso. Segundo Volochínov (2006), não são simples palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra sempre traz um conteúdo ou um sentido ideológico ou vivencial. Ainda segundo o autor, é desta forma que podemos compreender as palavras e somente reagimos àquelas que nos despertam ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Ainda para Volochínov (2006), o sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas, mesmo as mediadas pelo discurso, oferecem espaço de encontros de constituição de subjetividade, pela constituição dos sentidos. Nessa discussão, ainda hoje, é possível se defrontar com perspectivas teóricas que encaram a ideologia dominada, propondo posição subalternizada e desigual na luta.

Dentro da perspectiva bakhtiniana, ideologia pode ser caracterizada como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. De acordo com Miotello (2010), em sociedades que apresentam contradições de classe social, as ideologias respondem a interesses diversos e contrastantes; ora podem reproduzir a ordem social e manter como definitivos alguns dos sentidos das coisas, e ora podem discutir e subverter as relações sociais de produção da sociedade capitalista, desde que as mesmas dificultem o desenvolvimento das forças produtivas.

A ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais

organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo o momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos. (MIOTELLO, 2010, p. 176)

Em relação às características do gênero discursivo capa de revista, o destaque está na formação por palavras ou frases chamativas (verbal) associadas à foto e/ou ilustração (visual). Os elementos que se sobressaem nesse gênero são o tema, a forma composicional e o estilo, trazendo também o signo ideológico.

Nos aspectos verbo visuais das capas de revista, o propósito comunicativo é o de atrair os leitores, para que comprem a revista. Para Puzzo (2009), as capas participam de duas esferas de atividade humana, a jornalística e a publicitária. Nesse movimento, o leitor, presumido pelo enunciador, é colocado diante de um discurso com o qual ele pode ou não concordar, ou seja, terá uma atitude responsiva.

Para Baudrillard (2002), a publicidade mobiliza valores de uma determinada sociedade, com o intuito de levar o público alvo a desejar o produto anunciado. Para ele, a imagem é muito importante para despertar esse desejo.

O olhar é a presunção do contato, a imagem e sua leitura são presunção de posse. A publicidade assim não oferece nem uma satisfação alucinatória, nem uma mediação prática para o mundo: a atitude que suscita é a de veleidade enganada - empresa inacabada, ressurreição contínua, defecção contínua, auroras de objetos, auroras de desejos. Todo um rápido psicodrama se desenrola na leitura da imagem. Ela, em princípio, permite ao leitor assumir sua passividade e transformar-se em consumidor. De fato, a profusão de imagens é sempre usada para, ao mesmo tempo, elidir a conversão para o real, para alimentar sutilmente a culpabilidade por uma frustração contínua, para bloquear a consciência mediante uma satisfação de sonho. (BAUDRILLARD, 2002, p. 186)

Todo anúncio publicitário, e aqui inclui-se as capas de revistas, tem um argumento central que será usado como forma de transmissão do tema da campanha publicitária, seja ela para vender um produto ou conscientizar sobre um tema social. De acordo com Sant'Anna

(2013), o tema pode ser apresentado de maneira direta: com texto racional, que fornece fatos, informa, descreve o produto ou problema, usa de argumentos básicos, positivos, sem rodeios; ou indireta: por meio de textos emotivos, que despertam curiosidades e dão ênfase aos efeitos do produto.

Quando o tema é trabalhado de maneira indireta, o profissional de propaganda pode utilizar os chamados apelos publicitários, que são os conjuntos de estímulos capazes de motivar o consumidor, por meio da emoção ou da razão, para que ele adquira um produto, faça uso de um serviço ou aceite uma ideia.

Na análise dos gêneros discursivos como as capas de revistas, o ideal é que o leitor consiga fazer uma leitura crítica, que seja capaz de ler nas entrelinhas os aspectos verbo-visuais e os aspectos gráficos, sendo assim, é importante ressaltar a composição artística e as cores escolhidas pela empresa que criou a publicidade. A composição artística não é simples estrutura básica que só intervém no início da obra. Sua ação desenvolve-se do princípio ao fim, pois qualquer alteração dos fatores do desenho, tom ou cor e tudo que for agregado, eliminado ou omitido supõe uma alteração e, portanto, um reajuste completo da arrumação básica: a composição começa no esforço das primeiras linhas e termina no toque final. Sobre as cores utilizadas em capas de revistas e anúncios publicitários, são passíveis de identificação várias finalidades:

- Chamar a atenção
- Dar mais realismo aos objetos e cenas
- Estimular a ação
- Embelezar a peça e torná-la mais atrativa
- Formar atmosfera adequada.

As cores quando bem aplicadas criam uma atmosfera que estimula sentimentos e sensações. Hepner (apud Sant'Anna, 2013, p.192.), ressalta que existem diferentes associações de ideias ou estado de espírito provocados pelas cores:

- Vermelho: lembra fogo, calor, excitação, força; o fogo é importante para todas as coisas vivas, sem ele, o frio paralisaria tudo; sem o calor seria impossível qualquer movimento ou atividade;

- Rosa: suavidade, frescor, fragrância;
- Laranja: é a combinação das cores vermelho e amarelo; calor, ação, força, sabor;
- Marrom: riqueza, solidez, luxo, calma;
- Amarelo: claridade, esportividade, desenvoltura; é a cor do intelecto, mas da percepção do que da razão. Se olhado fixamente o amarelo perturba;
- Azul: intuição e das faculdades mentais superiores;
- Azul-marinho: frio, formalismo, meditação;
- Azul-claro: frescor, fragilidade, juventude;
- Verde: esperança, da vida nova, da energia, da fertilidade, do crescimento;
- Verde-escuro: doentio, barato;
- Verde-claro: refrescante, novo, arejado;
- Púrpura: dignidade, realeza, imponência, opulência;
- Cinza: maciez, docilidade, cautela;
- Branco: pureza, bondade, limpeza, castidade;
- Preto: mal, medo, superstição, destruição, força, mistério, suspense, frieza.

Assim, faz-se necessário, durante a análise do aspecto verbo visual das capas de revista, levar em consideração as cores escolhidas pelos editores.

ANÁLISES DAS CAPAS DA REVISTA VISÃO

As capas de revista selecionadas foram escolhidas por representarem dois momentos importantes para o Timor Leste e terem a circulação feita em Portugal. A primeira, de 17 de outubro de 1996, trata do Prêmio Nobel da Paz concedido ao bispo de Díli, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, e ao representante da Resistência Timorense no Exterior, José Manoel Ramos-Horta. A atribuição do prêmio não ocorreu por acaso, se deu após o Massacre de Santa Cruz, que ocorreu em 1991 e que chamou a atenção do mundo para o Timor Leste, que passava pela invasão indonésia.

Na capa, existem signos ideológicos verbais e visuais. Ocupando todo o espaço, a Revista Visão optou por utilizar fotos simples, organizadas de forma a parecerem sobrepostas,

mas sem artes gráficas, como desenhos. A revista apresenta seu nome, Visão, na cor vermelha, que é utilizada quando se quer chamar a atenção e mostrar força. Nas fotos de bispo D. Ximenes Belo e de Ramos-Horta pode-se notar que foi realizada uma montagem, sendo a foto ao fundo, aparentemente a original, de Ramos-Horta. Assim, a foto de D. Ximenes Belo foi inserida em sua frente.



Figura 1- Revista Visão de 17 de outubro de 1996.

As fotos escolhidas mostram os signos ideológicos relacionados à posição que cada um ocupa em relação ao Timor Leste. D. Ximenes aparece vestido com roupa típica de sua posição, ou seja, batina preta, o que rapidamente faz com que seja identificado como membro de

instituição religiosa. Em seu rosto é possível identificar certa expressão de benevolência, e até de sofrimento ou vergonha. Já Ramos-Horta aparece com roupa mais formal e expressão sisuda, remetendo a um político. A foto escolhida chega a demonstrar expressão de insatisfação. O fundo utilizado na capa da revista aparece propositalmente desfocado, para que se dê toda a atenção aos dois homens que são destaque daquela edição.

As fotos escolhidas estão relacionadas ao perfil de cada um deles, sendo que, aos integrantes da Igreja Católica está ligada a imagem de bondade e sofrimento e aos militantes da resistência, a questão da seriedade de um político, no caso de Ramos-Horta que atuava no exterior, junto à expressão sisuda, apertando os lábios, como se estivesse bravo com alguma situação. As expressões nas fotos não demonstram qualquer felicidade ou satisfação por terem recebido um prêmio.

Já nos signos ideológicos verbais, os nomes de D. Ximenes Belo e Ramos-Horta estão escritos em branco, o que remete à pureza e bondade. Abaixo, o que mais chama a atenção são as letras bem maiores, em amarelo, no enunciado “As histórias que não foram contadas”. Amarelo é cor da percepção que pode perturbar quando olhada fixamente. Esse enunciado fica em evidência pois o público alvo está sendo informado que existem histórias vividas pelos dois homens, que não foram contadas e pode-se inferir que serão contadas nessa edição da revista, com exclusividade, o que tem como objetivo despertar o interesse do leitor. Além disso, o enunciado “As histórias que não foram contadas” conduz o leitor a pensar em histórias que teriam repercussão negativa.

A batina preta de D. Ximenes Belo ocupa a parte inferior da capa da revista, onde o enunciado maior, em amarelo está escrito. O fundo preto traz o ar de mistério relacionado ao “As histórias que não foram contadas”, além de remeter à destruição e guerra, situação pela qual passava Timor Leste, naquela época.

Abaixo, novamente em branco, é possível ler o enunciado “Um Prêmio Nobel justo, que *fala* português e dá novo fôlego à luta do povo do Timor”. Destaque para a palavra “fala” que aparece em itálico. Sendo Portugal um país lusófono e que acredita que a melhor herança que

deixou as suas colônias foi a Língua Portuguesa, nesse enunciado pode-se notar certo orgulho, já que pessoas que falam o português receberam um prêmio de importância mundial.

Há algumas décadas, o itálico foi empregado para destacar e, nesse sentido, esse sinal traz para si o peso informativo. Mas o valor do segmento marcado possui nuances, que o contexto se encarrega cada vez, de caracterizar: valor superlativo, contrastivo, marca argumento forte. (DAHLET, 2006, p. 187)

A luta do povo timorense contra as atrocidades da invasão indonésia também foi citada na capa da revista. Para as pessoas que acompanharam os acontecimentos históricos e a situação política em Timor Leste, fica fácil fazer a leitura da capa desta revista. Porém, para quem não está familiarizado, o que aparentemente seria uma homenagem aos dois timorenses que receberam o Prêmio Nobel da Paz, pode parecer estranha, por causa do enunciado “As histórias que não foram contadas” e por causa das fotos escolhidas, que trazem expressões muito diferentes, fazendo parecer que D. Ximenes Belo e Ramos-Horta seriam oponentes em algum embate.

A partir da junção dos signos ideológicos verbais e visuais pode-se construir o sentido de que a revista deu destaque homenageando os dois premiados, porém, para deixar a capa mais interessante, optou por utilizar enunciados que poderiam sugerir interpretações ambíguas, não tão positivas assim. O último enunciado da capa está escrito com letras menores e só aí o leitor consegue identificar que a revista é favorável a premiação. Na época da publicação, a Indonésia ainda ocupava Timor Leste, assim a revista, que é de Portugal, não quis se posicionar totalmente a favor dos premiados pelo Nobel para não provocar uma indisposição política junto à Indonésia.

É interessante ressaltar que não existem outros enunciados relacionados a outras notícias, de assunto diferenciados, retratados na capa desta revista, o que mostra que a editora quis, realmente, focar no Prêmio Nobel da Paz para os dois timorenses. O único enunciado que aparece no canto superior direito da capa trata de uma promoção da própria revista.

A segunda capa a ser analisada é de 26 de agosto de 1999. Ela dá destaque a foto de José Alexandre Gusmão, conhecido por Xanana Gusmão, que é um político timorense e foi

ativista da resistência, contra o governo indonésio na invasão do Timor Leste. Xanana Gusmão foi perseguido e preso em 1992, além de condenado à prisão perpétua pela Indonésia, porém foi libertado após cumprir sete anos de prisão.

Xanana Gusmão também foi um dos indicados para o Prêmio Nobel da Paz de 1996, mas quando D. Ximenes Belo e Ramos-Horta receberam o prêmio, ele ainda estava preso em Jacarta. Foi libertado em 1999, ano de publicação da revista. Lembrando que a revista é de 26 de agosto de 1999 e que em 30 de agosto daquele mesmo ano, foi realizado o referendo no qual a população timorense decidiu pela independência de seu território e saída do governo indonésio.



Figura 2 – Revista Visão de 26 de agosto de 1999.

Nos signos visuais encontrados na capa da revista, pode-se falar sobre a foto escolhida pela editora em que Xanana Gusmão aparece como um visionário, um explorador, sendo que o próprio nome da revista, *Visão*, ajuda a construir esse sentido, escrito em segundo plano, atrás de Gusmão, como se a visão fosse o título para essa foto. A foto foi tirada de um ângulo que é próprio quando um fotógrafo quer engrandecer alguém, ou seja, a foto é tirada de baixo para cima, atribuindo autoridade e poder a essa pessoa. Xanana Gusmão olha para o horizonte.

O fundo azulado contribui com o ar de conquistador, talvez até mesmo um conquistador português. Foram utilizados recursos gráficos, ou seja, desenhos de gaivotas, céu e mar para o fundo da capa. As gaivotas, típicas de praias, dão a ideia de que Xanana está navegando ao encontro de um "novo mundo". A barba cheia também remete a uma série de outros revolucionários. No signo ideológico verbal, o enunciado "Timor rumo à independência" parece de certa forma contribuir para essa ideia do novo, da conquista, da independência. Nessa capa, Xanana Gusmão é retratado como o herói. E o enunciado seguinte só confirma a construção de sentido dos signos ideológicos verbais e visuais apresentados: "Xanana, o último herói do milênio", colocando-o no mesmo patamar de outras figuras importantes da história mundial. Esse enunciado foi escrito em branco, que remete à pureza, limpeza. A palavra "herói" foi escrita em amarelo, para ter maior destaque e enaltecer o prestígio que a editora da revista atribuiu a ele.

A ideologia da revista fica muito clara nesta capa, pois reflete todo o apoio a Xanana Gusmão e ao governo que supostamente começaria em Timor Leste, liderado por ele. Não há enunciados com duplos sentidos ou que deixem margem para dúvidas.

Nessa capa de revista, podem ser identificadas, nas partes superior e inferior, chamadas e fotos de outras notícias, que foram tratadas em seu interior e que não apresentam qualquer ligação com Timor Leste. Nas imagens posicionadas abaixo da foto de Xanana Gusmão, o fundo utilizado foi o vermelho. Pode-se notar também, que abaixo e à direita, com fundo azul, está uma chamada sobre um fascículo identificado como "Figuras do século", o que também remete a Xanana Gusmão.

Para contextualizar o que ocorreu em Timor Leste após o referendo, ou seja, após a publicação desta revista, é interessante saber que os militares indonésios e as milícias por eles apoiadas e armadas começaram a atacar a população timorense, como represália ao resultado do referendo. O governo indonésio negou estar por trás da ofensiva, mas mesmo assim foi condenado internacionalmente por não evitá-la. A pressão diplomática internacional levou a força de pacificação da ONU ao Timor Leste, constituída em sua maioria por soldados australianos. Assim, Xanana Gusmão foi libertado e com o seu retorno a Díli começou uma campanha de reconciliação e de reconstrução do país.

Xanana Gusmão foi convidado a governar junto com a administração de transição da ONU, até 2002. Durante este tempo promoveu continuamente campanhas para a unidade e a paz dentro de Timor-Leste e assumiu-se como o líder de fato na nova nação. Em 2002, Xanana Gusmão foi eleito presidente do Timor Leste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da linguagem verbo visual das duas capas da revista Visão teve por objetivo mostrar que o que é retratado em capas de revistas pode ser visto pelo leitor como uma versão da realidade. No caso da segunda capa analisada, uma realidade que ainda estava por vir. Assim, a ideologia da editora da revista é transmitida de forma indireta ao leitor, que muitas vezes não consegue fazer uma leitura mais aprofundada, ou seja, mais crítica do que está sendo exposto pela revista.

Essa ideologia é a opinião da empresa, da editora, que muitas vezes é compartilhada ou da simpatia de seus leitores, ou seja, o público alvo da revista. No caso da primeira capa analisada, a revista parece não querer se comprometer totalmente com a causa dos dois premiados pelo Prêmio Nobel da Paz. Assim, os comentários mais relevantes, que se referiam ao prêmio para dois falantes da Língua Portuguesa, que lutavam por uma causa de extrema importância para o Timor Leste, ficaram ofuscados pelo enunciado “As histórias que não foram contadas”, o que dá até a entender que apesar de receberem o prêmio, existia alguma história obscura relacionada a D. Ximenes Belo e Ramos-Horta.

Já na segunda capa, o posicionamento ideológico da revista é totalmente a favor de Xanana Gusmão como o salvador de Timor Leste. A capa foi elaborada para persuadir o leitor a pensar da mesma forma. O momento político era outro e supõe-se que em 1996 Portugal não quisesse se indispor com a Indonésia por causa de sua ex-colônia, porém em 1999, com o fim da invasão indonésia ao Timor tão iminente, a posição de Portugal seria se reaproximar de Timor Leste e do personagem que seria o principal governante do país, no caso de sua independência.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRITO, W. *A Cidadania Lusófona: A Condição necessária da afirmação política da multiculturalidade lusófona*. In AAVV, *A questão social no novo milênio, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, p. 1-15., 16/18 de Setembro, Coimbra: 2004.
- COSTA, C. *Educação, imagem e mídias*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: Beth Brait (Org.) *Bakhtin – Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2010, p.167-176.
- PUZZO, M.B. *As capas de revista: relações dialógicas*. **Revista do GEL**, São Paulo, v.6, n.1, p.135-150, 2009.
- _____. A linguagem verbo-visual na constituição de sentido em capas da revista *Veja*. *Revista Intercâmbio*, v. 25, p. 92-105, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP.
- SANT'ANNA, A.; ROCHA, I.; GARCIA, L. F. D. *Propaganda: teoria, técnica e prática*. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 12ª ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

Regiane Apolinario ROSKOWINSKI

Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestra em Linguística Aplicada pela UNITAU.

Neusa Maria Oliveira Barbosa BASTOS

Pós-doutora pela Universidade do Porto/Portugal. Concluiu o doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1987. Atualmente, é professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Regina Helena Pires de BRITO

Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Braga-Portugal), Doutora e Mestre em Linguística pela FFLCH-USP. Professora Adjunto III, é docente e coordenadora do Núcleo de Estudos Lusófonos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Recebido em junho/2017 - Aceito em janeiro/2018.